

**Um diálogo literário entre a comédia de Martins Pena  
e *O Riso Redentor*, de Peter Berger**

Luzilene Nunes de Sousa<sup>22</sup>

José Henrique de Paula Borralho<sup>23</sup>

**RESUMO:** Partindo do pressuposto de que o riso pode ser um meio eficaz de mostrar os costumes mediante as convenções sociais, moral e ética, este artigo tem como objetivo propiciar *insights* sobre a teoria e a prática da literatura, bem como discorrer sobre o contexto da narrativa apresentada, na construção literária de um diálogo entre a comédia de Pena (2008), neste caso *O Juiz de Paz da Roça*, e *O Riso Redentor* de Berger (2017), no qual o diálogo entre as obras exaltam o cotidiano brasileiro, revelando-o de forma cômica, engraçada, mas à luz da observação do real. Nesse contexto, as circunstâncias que esboçam o início dessa construção literária serão por meio do uso da linguagem, trazendo o cômico como componente da realidade a ser detectada. Para delimitar este estudo, fez-se uma pesquisa em consonância com a fortuna crítica de teóricos como Bosi (2011), Romero (1980) dentre outros, que se torna possível, a evidente elaboração deste trabalho, doravante das investigações sobre a intencionalidade dramática, por ser conhecido na forma de senso do humor.

**Palavras-chave:** Diálogo literário. Martins Pena. Peter Berger. Teatro. Riso.

**RESUMEN:** Asumiendo que la risa puede ser un medio eficaz de mostrar las costumbres a través de las convenciones sociales, morales y éticas, este artículo tiene como objetivo proporcionar información sobre la teoría y la práctica de la literatura, así como discutir el contexto de la narrativa que se presentará, en el contexto literario. construcción de un diálogo entre la comedia de Pena (2008), en este caso *O Juiz de Paz da Roça*, y *O Riso Redentor* de Berger (2017), en que el dialogo entre las obras en estudio, exaltan la cotidianidad brasileña. revelándolo de manera cômica, divertida, pero a la luz de la observación de la realidad. En este contexto, las circunstancias que marcan el inicio de la construcción literaria, a través del uso del lenguaje, hacen que se detecte lo cômico como componente de la realidad. Para delimitar este estudio se realizó una investigación acorde con la fortuna crítica de teóricos como Bosi (2011), Romero (1980) entre otros, lo que posibilita, la evidente elaboración en este trabajo, en adelante las investigaciones sobre intencionalidad dramática, como se la conoce bajo en forma de sentido del humor.

**Palabras clave:** Dialogo literario. Martín Pena. Peter Berger. Teatro. Reír.

---

<sup>22</sup> Professora do Centro Educa Mais Cidade Operária 2, SEDUC/MA. Licenciada em Letras Língua Portuguesa, (UEMA);Especialização no método de tradução e interpretação da Língua Espanhola (UST); Mestre em Letras (UEMA). E-mail: luzilene1312@hotmail.com

<sup>23</sup> Possui graduação em História pela Universidade Federal do Maranhão (1997), mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000) e doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (2009), fez pós-doutoramento em Teoria Literária, UFRJ (2015). Professor permanente do programa de Pós-graduação em Letras mestrado em Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Professor Associado da Universidade Estadual do Maranhão e Coordenador programa pós-graduação em letras da Universidade Estadual do Maranhão. Autor de obras como: Uma Atenas Equinocial: A literatura e a fundação de um Maranhão no Império brasileiro (2010), Terra e Céu de Nostalgia: tradição e identidade em São Luís - MA (2011); Versura; Poemas, Contos e Crônicas (2014); Versura: Ensaios (2017). Bolsista Produtividade UEMA. E-mail: henriqueborralho@outlook.com.

## Palavras iniciais

A Literatura<sup>24</sup> é de suma importância, por ser um termômetro identitário, em que a linguagem é capaz de narrar à história das nações de maneira apreciativa e crítica, bem como rigorosa produtividade artística, que contribuem para a história e a compreensão da própria literatura. A literatura é a arte que consegue relatar épocas, localizações e tradições, que proporcionam princípios teóricos e práticos, e de acordo com o crítico literário Coutinho (2004, p. 82) “a Literatura é, a vida, parte da vida, não se admitindo possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana”.

Para tanto, reler as bases de nossa literatura dramática é fundamental para que compreendamos as perspectivas teóricas e criativas da contemporaneidade. As peças fundamentais da mais antiga tradição teatral brasileira, a comédia, indubitavelmente foram lançadas durante o século XIX<sup>25</sup>. Nesse período, de intensas transformações no modo de pensar do teatro no Brasil, se destacou, como pioneiro nas mudanças teatrais, a figura de Martins Pena<sup>26</sup>, dentro do panorama de comediógrafo e de criador da comédia nacional.

Dessa maneira, partindo do pressuposto de que o riso pode ser um meio eficaz de mostrar os costumes pelas convenções sociais, moral e ética, a intenção aqui é apresentar a construção literária de um diálogo entre a comédia de Martins Pena (2006), neste caso, *O Juiz de Paz da Roça*, e a obra *O Riso Redentor: A dimensão cômica da experiência humana* do sociólogo Berger (2017), no qual se delimita este artigo em detectar o diálogo entre ambas as obras.

---

<sup>24</sup> Do latim "litteris" que significa "Letras", e do grego "grammatikee". (Ducrot & Todorov, 1972)

<sup>25</sup> Foi marcado por grandes acontecimentos históricos e políticos, como guerras, disputas de poder e declarações de independência. Uma fase de inúmeras mudanças na história mundial, marcada por revoluções, descobertas, críticas e inovações, ocorrendo muitos conflitos e revoluções que marcaram a história mundial e a história do Brasil, como a Revolução de 1848 e a Proclamação da República no Brasil em 1889. Nesta mesma época viveram filósofos e pensadores que criaram teorias e reflexões que foram responsáveis por alterar alguns padrões da sociedade da época. (Sodré, 1976, p. 78)

<sup>26</sup> Dramaturgo, diplomata e introdutor da comédia de costumes no Brasil, tendo sido considerado o Molière brasileiro. Sua obra caracterizou pioneiramente, com ironia e humor, as graças e desventuras da sociedade brasileira e de suas instituições. (Faria, Guinsburg, & Lima, 2006)

Ainda que a fortuna crítica de Martins Pena venha sendo foco de muitos estudos, dada a importância da comédia de costumes em nossa tradição teatral brasileira, apontamos aqui a necessidade maior de discutir, ainda, alguns pontos acerca de sua produção teatral, sobretudo no que se refere os seus elementos mais ligados ao diálogo da construção literária, apontando uma saída no âmbito da crítica literária, em direção à noção de comicidade.

Buscamos reforçar, portanto, uma hipótese que se vem delineando na historiografia do teatro das últimas décadas, ou seja, a de que autores cuja obra é tensionada por elementos oriundos do teatro popular, neste caso, na comédia, foram tratados com certo preconceito por parte de uma tradição crítica, e que esta precisa, portanto, ser sempre revisitada.

Pretende-se aqui não só fazer o rastreamento de parte da construção da fortuna crítica de Pena e Berger, mas buscar compreender o diálogo entre ambas as obras, fazendo o levantamento de outras hipóteses que devem ser ainda amplamente investigadas.

Para tanto, fazemos uma breve apresentação do gênero comédia, dentre algumas considerações sobre o riso e a relação com a sociedade brasileira, partindo dos aspectos da situação socioeconômica na obra de Martins Pena. Dessa forma, por intermédio do riso, percebemos uma crítica em relação à falência das relações institucionais, legislativas e familiares da sociedade brasileira no século XIX.

Este trabalho se encontra dividido em três partes, que envolvem o contexto da narrativa a ser discutida. Na primeira parte, se apresentam as palavras iniciais que aqui estão, esboçando os envolvidos na descrição deste texto, bem como o percurso de todo o trabalho. Já na segunda parte, se identificará propriamente o gênero comédia, fundamentando teoricamente a relação entre as referidas obras em estudo, além de evidenciar a realidade brasileira, demonstrando-a de forma cômica, engraçada, mas à luz da observação do real.

Na terceira, e última parte, se pontuará as palavras finais, as relações possíveis entre a sociedade brasileira de meados do século XIX, ou seja, a comédia de Martins Pena, em relação aos retratos bem-humorados do Brasil, fazendo uma crítica às instituições burguesas, com as reflexões sobre a natureza do cômico, como experiência humana, bem como o humor sendo percebido de forma engraçada e universal na existência da cultura brasileira.

Algumas implicações sobre a escrita de Martins Pena será relata na continuidade, ao discorremos sobre o panorama político e sociocultural do teatro que a sociedade brasileira viveu no período romântico, já que a crítica do comediógrafo foi direcionada a situações pertinentes para uma nação recém-independente.

### **A comédia de Martins Pena no panorama do teatro brasileiro**

O teatro brasileiro do século XIX, representou uma espécie de púlpito<sup>27</sup> que deveria ser enfeixada a sociedade que lhe era contemporânea, em consenso crítico, os autores dramáticos deveriam discutir os costumes da sociedade. Sabe-se que na literatura, o gênero comédia como fenômeno de sociedade, memória e cultura, depende do trabalho artístico que estabelece com a realidade, mesmo quando se pretende observá-la para que se possa constituir o entrelaçamento de vários fatores sociais, que são determinados por características da obra.

Nessa perspectiva, Pena fez sua estreia no Teatro Constitucional Fluminense<sup>28</sup> – então localizado onde está o atual Teatro João Caetano –, no Rio de Janeiro, em 1838, trazendo à tona várias questões como por exemplo, a corrupção institucional, mediante “a obra *O Juiz Paz da Roça*, sem alarde publicitário e pretensão histórica. Era a primeira comédia escrita por Martins Pena (1815-1848) com observação satírica dos aspectos da realidade brasileira” (Veiga, 1877, p. 95).

Percebemos então que Martins Pena poderia ser tratado como sujeito empenhado na construção de um teatro nacional, em que demonstrou críticas ao movimento teatral da época, e por ter sido, algumas vezes, apoiador de algumas greves e reivindicações que decorriam no Teatro Constitucional Fluminense.

Além de retratar a vida popular e cotidiana, Martins Pena mostrou situações que fugiam do controle da sociedade romântica, como por exemplo: uma precária administração da justiça, bem como a ausência ou desmandos da própria polícia, e detalhadamente as mazelas sociais, como fonte histórica da realidade na cidade do Rio de Janeiro naquele período. Vejamos um fragmento da referida obra, no qual o teatrólogo discorre sobre essa realidade:

---

<sup>27</sup> Plataforma elevada utilizada por oradores, o termo latino "pulpitum", que significa "plataforma" ou "palco". (Faria, Guinsburg, & Lima, 2006)

<sup>28</sup> Chamava-se, inicialmente, Real Teatro de São João, mais tarde São Pedro de Alcântara, depois Constitucional Fluminense e depois João Caetano. (Faria, Guinsburg, & Lima, 2006)

Entra MANUEL JOÃO com sua enxada no ombro, vestido de calças de ganga azul, com uma das pernas arregaçada, japona de baeta azul e descalço. Acompanha-o um negro com um cêsto na cabeça e uma enxada no ombro, vestido de camisa e calça de algodão.

ANINHA - Bênçoa, meu pai.

MANUEL JOÃO - Adeus, rapariga. Aonde está tua mãe?

ANINHA - Está lá dentro preparando a jacuba.

MANUEL JOÃO - Vai dizer que traga, pois estou com muito calor.

(ANINHA SAI)

MANUEL JOÃO, PARA O NEGRO) Olé, Agostinho, leva estas enxadas lá para dentro e vai botar êste café no sol.

(O PRÊTO SAI) MANUEL

JOÃO SENTA-SE – estou que não posso comigo; tenho trabalhado como um burro! (Pena, 2006, p. 70)

Com esse olhar, e instrumento crítico, foi possível se debruçar sobre o texto teatral de Pena, com o foco na comédia *O Juiz de Paz da Roça*, escrita durante o período romântico. Nesse sentido, Bosi (2011) enfatiza a tradição das comédias de costumes no Brasil, ao relatar que:

Os primeiros textos válidos foram assinados por um dramaturgo popular nato, Luís Carlos Martins Pena, que desde a adolescência, compunha divertidas comédias de costumes, numa linguagem coloquial que, no gênero não foi superada por nenhum comediógrafo do século passado. (Bosi, 2011, p. 147 – 148)

Nossa hipótese aqui é de que o sucesso obtido em suas obras teatrais, embora notável, não agradou parte de uma determinada elite intelectual, muitas vezes em consonância com modelos teatrais já constituídos na Europa, o momento histórico era incompatível com a questão popular que Martins Pena trouxe em suas peças, assim como o conteúdo, que, muitas vezes, criticava a ordem vigente – tais como a escravidão e o tráfico negreiro.

Ao fazer comédia de costumes, os dramaturgos tinham a intenção de criticar os costumes de uma dada sociedade para que se tornassem melhor, porém centrando sua crítica numa espécie de reprodução cômica dos hábitos, operando, assim, a reflexão sobre esses referidos hábitos perniciosos<sup>29</sup> à bondade e à justiça.

Em decorrência disso, as comédias de costumes tratavam de um grupo de pessoas no qual, tais costumes criticados se fizeram presentes. De maneira mais sistemática, Faria, Guinsburg, & Lima (2006), afirmam que a comédia de costumes é:

---

<sup>29</sup> Que prejudica, ocasionando danos de forma nociva, prejudicial e ruinoso. (DUCROT & TODOROV, 1972)

[...] centrada na pintura dos hábitos de uma determinada parcela da sociedade contemporânea do dramaturgo. O enfoque privilegia sempre um grupo, jamais um indivíduo, e é em geral de natureza crítica ou até mesmo satírica – o que não impede que, por vezes, certos autores consigam um notável efeito realista na reprodução dos tipos sociais, apesar da necessária estilização cômica. (Faria, Guinsburg, & Lima, 2006, p. 97)

Em outras palavras, a comédia de costumes usa os artificios cômicos para ridicularizar os hábitos prejudiciais à sociedade, para transformá-la, criticando um microcosmos social<sup>30</sup> semelhante ao que pode ser encontrado cotidianamente. Sílvia Romero (1980), por sua vez, enfatiza também o mérito de Martins Pena como criador da comédia nacional, sem, no entanto, se atear a suas características voltadas para a cena. Para tanto, o teórico relata sobre o comediógrafo na obra que destina a ele:

O escritor fotografa o seu meio com uma espontaneidade de pasmar, e essa espontaneidade, essa facilidade, quase inconsciente e orgânica, é o maior elogio de seu talento. Se perdessem todas as leis, escritos, memória da história brasileira dos primeiros cinquenta anos deste século, que está a findar, e nos ficassem somente as comédias de Pena era possível reconstruir por elas a fisionomia moral de toda essa época. (Romero, 1980, pp. 86-87)

Vale ressaltar que, a literatura devia servir como acesso para a compreensão da identidade nacional<sup>31</sup>, ou seja, a literatura só era válida se servisse de algum modo à civilização do país e à compreensão da evolução desta. Por isso, o serviço que Martins Pena exercia para com a nação era o de reproduzir os costumes em suas peças, assinalando, assim, um caráter documental de suas obras. Na continuidade, a experiência humana do humor no qual fez o povo se render ao riso mediante o olhar de Berger (2017).

### **A experiência do humor no riso de Berger**

A partir da antiguidade clássica tem-se analisado a natureza do humor e do riso como fenômenos que possibilitavam algum tipo de compreensão acerca do mundo social. Filósofos, antropólogos, dentre outros estudiosos, produziram uma literatura extensa sobre a temática, que, no entanto, recebeu pouca atenção sistemática por parte de sociólogos.

---

<sup>30</sup> Referente a um mundo pequeno, na qual diz respeito à sociedade ou às relações que se estabelecem entre os membros de uma sociedade, em que o próprio homem como expressão do universo, do cosmo, sendo uma imagem diminuta do mundo (Ricoeur, 2007).

<sup>31</sup> Conceito que sintetiza um conjunto de sentimentos, nos quais fazem um indivíduo sentir-se parte integrante de uma sociedade ou nação (Slemian & Pimenta, 2003).

Entretanto, o sociólogo, Peter Berger, conhecido por sua singularidade na sociologia do conhecimento, mediante uma reflexão sobre a construção social na realidade da natureza do humor e do riso, trouxe o tema da religião, de forma pertinente desde seus primeiros ensaios, sendo um dos autores que se ocupou da referida temática no mundo moderno, na esfera pública.

Ao tangenciar e lançar mão de situações cômicas foi possível perceber uma crítica ainda maior a determinados segmentos e ações, que evocavam explanações sobre o recurso do humor e das concepções do riso ao longo dos séculos, no posicionamento que desembocou na comédia de costumes, um possível riso redentor, segundo, Berger (2017):

[...] As obras de literatura para ilustrar as diferentes formas do cômico, argumenta-se que as pessoas achavam engraçadas, o que a elas lhes provocavam uma resposta bem-humorada na sociedade daquela época, ou seja, o humor era uma constante expressão do cômico, experimentado como incongruência. (Berger, 2017, pp. 7 – 8).

Nesse contexto, a experiência do cômico em uma anatomia que ilustrasse implicações argumentativas pelo interlúdio<sup>32</sup> entre a loucura e a redenção do riso na comicidade exposta na obra literária, foi cada vez mais espontâneo nas origens do humor sobre a sua infância. A variedade das experiências humanas na realidade conhecida por Berger (2017) como onipresente, enfatiza que:

A vida cotidiana está cheia de interlúdios cômicos, de ocasiões para o humor, de pequenas piadas, assim como das mais elaboradas. Mas ainda, a experiência do cômico é universal. Embora sua expressão seja muito distinta de uma cultura para outra, não há cultura humana sem ela. (Berger, 2017, p. 12)

O humor é a capacidade de se perceber algo cômico, assim, não existe cultura humana sem essa possibilidade, sendo percebido como um elemento necessário da humanidade. Desse modo, o que parece ser engraçado às pessoas, e o que elas fazem para instigar uma resposta humorística, varia em relação ao tempo e a sociedade, conseqüentemente, o humor é uma constante antropológica relativamente histórica.

Ainda para além dessa relatividade, existe algo que o humor supostamente percebe, ou seja, o fenômeno do cômico que é o correlato objetivo do humor, a capacidade subjetiva. Das expressões mais simples às mais sofisticadas, o cômico é experienciado

---

<sup>32</sup> Composição que tem a função de separar trechos que marcam o início e o fim de intervalos apresentados entre duas cenas. Faria, Guinsburg, & Lima, 2006)

como incongruência.<sup>33</sup> Além do que, o cômico surge em um mundo separado, diferente do mundo da realidade comum, que opera segundo regras diferentes. Berger (2017), enfatiza que:

O humor – isto é, a capacidade de se perceber algo como engraçado – é universal, não há cultura humana sem ele. [O humor] pode ser seguramente percebido como um elemento necessário da humanidade. Ao mesmo tempo, o que parece engraçado às pessoas, e o que elas fazem para provocar uma resposta humorística, difere enormemente de época a época e de sociedade a sociedade. Colocado de outra forma, o humor é uma constante antropológica e é historicamente relativo. Ainda assim, para além ou por trás de toda relatividade, existe um algo que o humor supostamente percebe. Este algo é, precisamente, o fenômeno do cômico (que, se você preferir, é o correlato objetivo do humor, a capacidade subjetiva). De suas expressões mais simples às mais sofisticadas, o cômico é experienciado como incongruência. [...] Além disso, o cômico faz surgir um mundo separado, diferente do mundo da realidade comum, que opera segundo regras diferentes. É também um mundo no qual as limitações da condição humana são milagrosamente superadas. A experiência do cômico é, por fim, uma promessa de redenção. A fé religiosa é a intuição (algumas pessoas de sorte diriam a convicção) de que a promessa será mantida. (Berger, 2017, p. 20)

Por ser um mundo no qual as limitações da condição humana são milagrosamente superadas, a experiência do cômico é uma promessa de redenção, neste caso, a fé religiosa é a intuição, na perspectiva de algumas pessoas de sorte, diriam a convicção de que a promessa será mantida. Para tanto, a contribuição de Berger é no sentido de considerar o humor como uma província finita de significado, em que no mundo dos sonhos, surge no seio da vida cotidiana, transformando-a instantaneamente e depois desaparecendo.

Vale ressaltar que, a intrusão cômica<sup>34</sup> que o autor utiliza, traz uma construção social do que se pode refletir sobre as formas cômicas de expressão, em que se trata como diversão, ao mesmo tempo como consolação em um jogo de intelecto dessa sagacidade e satirizando o próprio cômico em forma de arma de uma eterna loucura e redenção como sinal de transcendência. Para entendermos essa perspectiva do autor, vejamos um fragmento da obra de Pena:

[...] Entra o JUIZ DE PAZ vestido de calça branca, rodapé de riscado, chinelas verdes e sem gravata.  
JUIZ - Vamo-nos preparando para dar audiência.

---

<sup>33</sup> Característica, particularidade de comportamentos que apresentam contradições, do que se opõe ao padrão estabelecido, do que não tem lógica. (Ducrot & Todorov, 1972).

<sup>34</sup> Ação de se introduzir sem direito numa sociedade, de maneira astuta de forma profunda dentro de uma preexistência do humor. (Ducrot & Todorov, 1972)

(ARRANJA OS PAPÉIS) O escrivão já tarda; sem dúvida está na venda do Manuel do Coqueiro... O último recruta que se fêz já vai-me fazendo pêso. Nada, não gosto de presos em casa. Podem fugir, e depois dizem que o juiz recebeu algum presente. (BATEM À PORTA) Quem é? Pode entrar.

(ENTRA UM PRÊTO COM UM CAICHO DE BANANAS E UM CARTA, QUE ENTREGA AO JUIZ. JUIZ, LENDO A CARTA:) "Ilmo. Sr.? Muito me alegro de dizer a V.S.a. que a minha ao fazer desta é boa, e que a mesmo desejo para V.S.a. pelos circunlóquios com que lhe venero".

(DEIXANDO DE LER) Circunlóquios... Que nome em breve! O que quererá êle dizer? Continuemos. [...] (Pena, 2006, p. 74)

Observemos a reflexão que Martins Pena nos traz em sua obra, como forma de jogar com o intelecto do “juiz,” já que ele tem dificuldade na compreensão da escrita no bilhete, pautando assim, de maneira satírica o conhecimento do magistrado em relação as letras, fazendo-o render-se ao que lhe convenia-a, numa falsa construção social.

Nessa intrusão cômica, Berger nos traz várias incógnitas para que possamos refletir acerca do fenômeno cômico em uma série de questões gerais de forma imediata. “O que é? Onde está? Como é usado? O que significa?” (Berger, 2017, p. 21), essa abordagem não é sistêmica, de acordo com o autor, é razoável em uma tentativa preliminar do que realmente se trata, “O que é esta coisa da qual estamos falando?” (Berger, 2017, p. 21).

Pode-se dizer então que a experiência de humor do riso de Berger está pautada como um senso que percebe o cômico na forma adjetiva, qualificando e caracterizando a cultura de uma sociedade, para tanto, ele traz em sua obra os conceitos de Comédia e Piada do ponto de vista dessa experiência.

Comédia: “Ramo do teatro que adota um estilo engraçado ou familiar, e descreve personagens e episódios risíveis”. Piada: “Algo dito ou feito para provocar o riso ou a diversão; uma fala espirituosa, uma brincadeira; chiste, zombaria; também algo que causa diversão, uma circunstância ridícula. (Berger, 2017, p. 22)

Por mais que os conceitos sejam diferentes, eles se costuram com a realidade tal como vivenciada ao longo de sua trajetória, com a intenção de esboçar a vida cotidiana mediante o cômico que aparece como intrusão nas esferas da realidade, por conseguinte, o cômico é a percepção que manifesta as experiências vivenciadas e refletindo as semelhanças entre si.

Sob a forma de hipóteses a serem exploradas na contribuição de Berger, observamos a questão redentora para a sociologia do humor. Quando definimos a sensibilidade cômica, é possível se basear no chiste e nos jogos de linguagem, relacionando outras características como o intelectualismo e o controle emocional.

Para Berger, é possível que o mesmo processo que dá conta da secularização do mundo<sup>35</sup>, explique o desencantamento do humor e sua adaptação a um período histórico que se julga superior a todos os outros em função de sua suposta racionalidade. Entretanto, para o autor, o mundo moderno desencantado gerou suas próprias incongruências, e o humor pode ser uma delas, se por um lado a sensibilidade cômica é a própria expressão do desencantamento, por outro, o humor representa uma reação a ele.

Devido à extensão histórica da temática do riso, procuramos levantar o suficiente para demonstração aqui neste trabalho, pois ao longo da história, os modos como o riso e o cômico foram vislumbrados e utilizados, na medida do possível, os efeitos de sua adoção ou entendimento são considerados como características semelhantes dos referidos autores. Por isso, que na sequência trataremos especificamente das características que relacionam as duas obras mediante esse diálogo literário.

### **Um diálogo entre a comédia e a redenção**

Um dos motes deste artigo é entender qual a relação entre o riso redentor de Berger (2017), e a perspicácia da comédia de Pena (2006), para que possamos compreender o fenômeno do riso na comédia, as relações que se fazem entre o que se pode chamar de dimensão e essência, bem como do que é o riso em algumas obras literárias, para se chegar à finalidade que classifica a comédia como uma manifestação objetiva de crítica social.

Martins Pena, embora obedeça às regras da mimese<sup>36</sup> na comédia traçada desde a *Poética* de Aristóteles,<sup>37</sup> a de se ocupar de homens que não fossem nobres, se voltou

---

<sup>35</sup> Processo através do qual a religião perde a sua influência sobre as variadas esferas da vida social. (Bosi, 2011).

<sup>36</sup> Termo crítico e filosófico que abarca uma variedade de significados, incluindo a imitação, representação, mímica, a receptividade, o ato de se assemelhar, de expressão e a apresentação do eu. (Rosenfield, 2001).

<sup>37</sup> Registrada entre 335 a.C. e 323 a.C., foi um conjunto de anotações das aulas de Aristóteles sobre o tema da poesia e da arte em sua época, pertencentes aos seus alunos escritores ou esotéricos. (Aristóteles, 1989).

muitas vezes para a construção de personagens com características específicas, que fossem aquelas que surgissem no interior do país, longe da metrópole.

O típico homem da roça, como é o caso de “Manuel João”, “José da Fonseca” e “Aninha” em *O Juiz de Paz da Roça*, e até do próprio “juiz” corrupto. As comédias, de um modo geral, debruçavam-se sobre o tipo e situação típica da época. Destarte, ao analisar a referida obra teatral, percebemos como foi acurado o trato de Martins Pena com as instituições burguesas e como era ferrenha a sua crítica ao desrespeito da lei e das injustiças sociais, em um nacionalismo trazido pela subversão dos valores sociais, mediante a comédia como fenômeno literário. Vejamos um fragmento, em que as críticas de Pena são pertinentes:

[...] ESCRIVÃO, lendo — “O abaixo-assinado vem dar os parabéns a V.Sa. por ter entrado com saúde no novo ano financeiro. Eu, Ilmo Sr. Juiz de Paz, sou senhor de um sítio que está na beira do rio, aonde dá muito boas bananas e laranjas, e como vem de encaixe, peço a V. Sa. o favor de aceitar um cestinho das mesmas que eu mandarei hoje à tarde. Mas, como ia dizendo, o dito sítio foi comprado com o dinheiro que minha mulher ganhou nas costuras e outras coisas mais; e, vai senão quando, um meu vizinho, homem da raça do Judas, diz que metade do sítio é dele. E então, que lhe parece, Sr. Juiz, não é desaforo? Mas, como ia dizendo, peço a V. Sa. para vir assistir à marcação do sítio. Manuel André. Espera receber mercê.”

JUIZ — Não posso deferir por estar muito atravancado com um roçado; portanto, requeira ao suplente, que é o meu compadre Pantaleão.

MANUEL ANDRÉ — Mas, Sr. Juiz, ele também está ocupado com uma plantação.

JUIZ — Você replica? Olhe que o mando para a cadeia.

MANUEL ANDRÉ — Vossa Senhoria não pode prender-me à toa: a Constituição não manda.

JUIZ — A Constituição!... Está bem!... Eu, o Juiz de Paz, hei por bem derrogar a Constituição! Sr. Escrivão, tome termo que a Constituição está derrogada, e mande-me prender este homem.

MANUEL ANDRÉ — Isto é uma injustiça!

JUIZ — Ainda fala? Suspendo-lhe as garantias...

MANUEL ANDRÉ — É desaforo... (Pena, 2006, p. 76)

Com esse olhar para a comicidade, da mesma forma que o comediógrafo Martins Pena criticava a burguesia do século XIX de forma ferrenha por conta da corrupção, das leis e injustiças sociais, Berger, traz a piada como crítica a uma figura política envolvida em certo acontecimento, que de fato ocorreu antes e/ou depois do momento no qual o indivíduo estava no poder.

Com esse propósito, uma das importantes funções sociais do humor, parece que sempre afronta os sentimentos morais convencionais, no que tange o domínio da experiência estética e cômica. A experiência universal que Berger (2017) trata o humor, em sua obra, *O Riso Redentor*, esboça possibilidades desse humor mediante o gênero textual piada, em que se refere a situações de termos do próprio conhecimento de mundo.

“O efeito cômico de uma piada também mantém relação com o domínio do julgamento moral. Certamente, é possível fazer julgamentos morais sobre o contexto no qual uma piada é contada e sobre as intenções do contador”, Berger (2017, p. 13). Vejamos uma das piadas da obra de Berger (2017), que envolve políticas opressivas na antiga União Soviética, hoje, Rússia:

Gorbachev desperta e, pela janela, olha para o sol, “Bom dia, sol”, ele diz. “Você tem alguma mensagem para mim?” “Sim, Camarada Presidente”, responde o sol. “Amanhece na União Soviética”. Ao meio-dia, Gorbachev olha pela janela novamente e diz: “Bem, sol, você tem outra mensagem para mim?” “Sim, Camarada Presidente”, diz o sol. “é meio-dia na União Soviética.” À noite, Gorbachev olha mais uma vez pela janela e pergunta a mesma coisa. O sol responde: “Eu estou no Ocidente agora. Vá para o inferno, Mike!” (Berger, 2017, p. 29)

Observamos a realidade da vida cotidiana soviética, em que as lógicas diferentes se aplicam tanto na sociedade quanto na natureza do ser humano. Dada essa onipresença do cômico na experiência humana, o prazer derivado da comédia é de forma especial, baseando-se na malícia, e em divertir-se com a infelicidade dos outros.

Para Berger (2017), focar no elemento psicológico-cognitivo,<sup>38</sup> implícito e peculiar da compreensão cômica é tratar os fatores sociais do riso com suas diversas manifestações. Nesse viés, o autor da obra *O Riso Redentor*, esboça essa experiência cômica de manifestações em possibilidades que expressam o riso como jogo mental.<sup>39</sup>

Berger (2017), ainda nos traz a própria teoria da superioridade,<sup>40</sup> que relata a degradação em relação aos outros, no qual elevamos nosso próprio *status*, e nesse sentido, o riso dirigido ao infortúnio de outros, refletindo na nossa suposta superioridade. Além

---

<sup>38</sup> É o processo mental que está por detrás do comportamento humano, na qual a percepção, o pensamento e a memória, procuram explicar como o ser humano percebe o mundo e como utiliza-se do conhecimento para desenvolver diversas funções cognitivas como: falar, raciocinar, resolver situações-problema, memorizar, entre outras. (Berger, 2017).

<sup>39</sup> Criado na Inglaterra, cujo objetivo é evitar pensar acerca do próprio jogo. (Berger, 2017)

<sup>40</sup> Teoria com base na superioridade racial, social e cultural, afirma que a sociedade se divide em grupos superiores e inferiores, e consecutivamente os inferiores deveriam ser aperfeiçoados pelos superiores. (Berger, 2017)

de que, essa teoria analisa o humor e o riso em termos de uma função catártica<sup>41</sup>, ou seja, a liberação de energia psíquica que acontece quando rimos de algo que, supostamente estaria reprimido. Ao observarmos esse riso, percebemos que o uso da comicidade para uma posição de suposta superioridade moral e contra um alvo bem definido, esboça que:

A comicidade do “jogo mental” seria “mais pura” e teria o efeito cognitivo de providenciar um momento de *insight* sobre as ambiguidades da realidade sem, no entanto, partir da pretensão de alguma superioridade daquele que ri sobre o objeto do seu riso. (Berger, 2017, pp. 185-186).

Dessa forma, o cômico não persegue um interesse específico, ou seja, não possui um alvo concreto. “O cômico do “jogo mental”, tem a função de um “brinquedo” capaz de suscitar uma “intenção cognitiva” (Berger, 2017, p. 161), uma nova compreensão, no qual Berger procura entender o que seria exatamente compreendido numa experiência cômica:

Chega a uma resposta que transcende os limites de determinadas facetas da vida. A seu ver, “a experiência da contradição entre ordem e desordem”, na qual se baseia a experiência cômica dos “jogos mentais”, revela nada menos que “a verdade determinante da existência humana”, a condição do homem de estar “numa situação da contradição cômica em relação à desordem do universo” (Berger, 2017, p. 43).

Desse modo, segundo Berger (2017), a experiência do cômico na forma de “jogo mental” pode anular os limites de existência humana, incluindo até uma “promessa de redenção”, aproximando-se assim da experiência religiosa, destacando nos textos cômicos, que podem resumir uma situação complexa de modo preciso e reduzido.

A forma desse cômico de “jogo mental”, pode ser considerado mediante a falta de uma argumentação moral, contribuindo assim, para a sua frequente identificação com o cômico intelectualizado de uma determinada visão de mundo como melhor que outra. Sem atribuir ao cômico uma posição superior em termos de moralidade, e sem negar que o cômico possa ser usado também para fins moralmente condenáveis, Berger (2017):

Frisa que o cômico é “perigoso e tendencialmente subversivo”, pois contribui para revelar as contradições e ambiguidades do mundo, suas “múltiplas realidades, sua dicotomia de fachada e de segundo plano”, assim como a “fragilidade daquilo que nos aparece como realidade. (Berger, 2017, p. 182)

---

<sup>41</sup> Relacionado com a catarse, com a libertação do que estava reprimido, geralmente, refere-se aos sentimentos ou emoções. (Aristóteles, 1989)

Por conseguinte, o riso é um ato intencional, no sentido fenomenológico<sup>42</sup> de intencionalidade, no qual sempre se direciona a um objeto, com distintas formas, através da piada de Berger (2017), ou até mesmo na comédia de Pena (2006). Portanto, o riso pode surgir da consciência de ser livre, na dimensão cômica da experiência humana, e levando o sujeito a sua liberdade e domínio de si mesmo. Enfim, ao compreendermos o fenômeno do riso, teremos a compreensão do mistério fundamental da natureza humana.

### Palavras finais

A contribuição de Berger (2017) para com esta escrita foi no sentido de averiguar o riso como um meio eficaz de mostrar os costumes pelas convenções sociais, moral e ética, no qual propiciou *insights* sobre a teoria e a prática da literatura, esboçando no seio da vida cotidiana, o discurso humorístico na comédia de Pena (2006), *O Juíz de Paz da Roça*.

Por fim, este estudo nos permitiu vislumbrar a tese propriamente sociológica defendida por Berger (2017), na obra *O Riso Redentor*, já que a exposição de diferentes formas de expressão cômica, trata a experiência do humor apresentando um mundo sem dor. Dessa maneira, foi possível notar ainda que o humor como província finita de significado, sobretudo com uma abstração da dimensão trágica de experiência humana trouxe numa realidade detectada, o chamado de senso de humor.

Mesmo por meio da experiência cômica, o humor pode ser percebido como uma neutralização da realidade da vida cotidiana. A construção literária desse diálogo que relaciona as duas obras, caracteriza o cômico como componente da realidade a ser detectada e revelada realmente como redentora na sociologia do humor, dentro da perspectiva da sociedade brasileira no século XIX.

### REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Arte Poética*. – São Paulo: Editora Nova Cultural, 1989.

BERGER, Peter L. [Tradução: Noéli Correia de Melo Sobrinho] **O Riso Redentor: A dimensão cômica da experiência humana**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

---

<sup>42</sup> Estudo de um conjunto de fenômenos que se manifestam, seja através do tempo ou do espaço. É uma matéria que consiste em estudar a essência das coisas e como são percebidas no mundo. (Ducrot & Todorov, 1972)

- Disponível em: <https://pt.scribd.com/read/405839951/O-Riso-redentor-A-dimensao-comica-da-experiencia-humana> - Acesso em 08 de ago de 2021 às 09h30min.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. – 49. ed. – São Paulo: Cultrix, 2011.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil: era romântica**. – 7. ed. – rev. e atual. São Paulo: Global, 2004.
- FARIA, João Roberto; GUINSBURG, Jacó; LIMA, Mariangela Alves de (coords). **Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos**. São Paulo: Perspectiva/Sesc São Paulo, 2006.
- PENA, Martins. 1815 – 1845. **O Juiz de Paz da Roça**. – 2. ed. – São Paulo: Martin Claret, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Comédias (1833 – 1844)**. (Org.) Vilma Arêas. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- PRADO, Décio de Almeida. **História concisa do teatro brasileiro**. São Paulo: EDUSP, 2008.
- RICOEUR, Paul – 1913. [tradução: Alain François – et al]. **A Memória, a História e o Esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- ROMERO, Silvio. **História da literatura brasileira: Contribuições e estudos gerais para o exato conhecimento da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1980.
- ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. **Filosofia & Literatura: o Trágico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. (Filosofia Política. Série III; nº 1).
- \_\_\_\_\_. Martins Pena. Porto: Chardron, 1901. VEIGA, Luiz Francisco da. **Luiz Carlos Martins Pena: o criador da Comédia Nacional**. Revista do Instituto Histórico Geográfico, IHGB, Rio de Janeiro, vol. 40, 1877, pp, 375-95. Acesso em 10 de set de 2021 às 22h.
- SLEMIAN, Andréa e PIMENTA, João Paulo G. **O “nascimento político” do Brasil: as origens do Estado e da nação (1808-1825)**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação Histórica do Brasil**. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Editora Graphia, 1976.
- VEIGA, Luiz Francisco da. 1834 – 1899. **O Primeiro Reinado estudado à luz da ciência: a revolução de 7 de abril de 1831 justificada pelo direito e pela história**. – Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1877. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/4/browse?value=Veiga%2C+Luiz+Francisco+da%2C+1834-1899&type=author> – Acesso em: 10 de fev de 2022, às 10h.